

Integração do jovem na FAK:

Barreiras e Reflexões

André Luiz Barroso do Carmo <andreeluz1219@gmail.com>

Clara Perret-Gentil <perret-gentil-clara@outlook.fr>

Giovani Matos de Freitas <giovani.mf@hotmail.com>

Maria Eduarda Machado Parente <mariaeduarda.m.parente@gmail.com>

Paola Souto Maior de Athayde Furtado <soutomaiorp@hotmail.com>

João Victor Oliveira de Melo <jvictor71@yahoo.com.br>

Miguel Rebelo dos Santos <miguelrebelooo@gmail.com>

Vitor George Martins Rebouças <vitorgeorgereboucas@gmail.com>

Victor Pereira Neves <victor.neves@live.com>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – Grandes preocupações existem no que tange aos tipos de atividades e metodologias que atendem às especificidades dos jovens. A necessidade de se autoafirmar e consolidar conhecimentos são características fundamentais da fase juvenil, que devem ser consideradas dentro de todos os ambientes, inclusive na Casa Espírita. Nesse contexto, a proposta do presente artigo é fazer uma breve análise das possíveis barreiras existentes na interação do jovem espírita com o restante da Casa na Fundação Allan Kardec, além de levantar reflexões sobre possíveis melhorias. Para isto, foi realizada uma pesquisa com os jovens espíritas e os trabalhadores da FAK por meio do *Google Forms*, a fim de consultar a comunidade sobre suas impressões, nas mais variadas facetas, que marcam o processo de integração do jovem com a Casa - cujo os resultados foram analisados por meio de uma adaptação do modelo Escala *Phrase Completio*. Chegando-se a conclusão de que são pontos importantes a serem levados em consideração para visualização da problemática: a autonomia do jovem, o acompanhamento de trabalhadores mais experientes, o aperfeiçoamento do processo de comunicação da Casa, a construção de laços afetivos, a vivência no bem e o conhecimento da identidade juvenil.

Palavras-chave – Laços afetivos. Autonomia. Acompanhamento. Comunicação.

1 INTRODUÇÃO

A Casa Espírita pode ser entendida como um ambiente de busca por melhorias. Na Fundação Allan Kardec (FAK), em particular, acredita-se que essas melhorias se dão por meio das relações entre os participantes da instituição, estas podendo ser estabelecidas tanto em atividades de estudo como de trabalho.

Nesse contexto, o jovem também deve compartilhar de tais oportunidades no espaço do centro espírita. Por se encontrar em uma fase decisiva, no que tange à consolidação de suas percepções, ao experienciar situações de crescimento e melhoria nas relações, o jovem poderá alastrar suas vivências, apreciar a construção da noção de pertencimento e utilidade, verificar dificuldades e potencialidades a serem exploradas e desenvolver laços de afeto. Tais consequências ecoarão em todos os ambientes de sua vida, ajudando-o durante toda sua trajetória.

Em paralelo, é mister considerar a importância da juventude na continuidade das ações da instituição. Se os indivíduos vivenciam a casa desde a adolescência, as transições experienciadas entre os ciclos de estudo e as atividades de trabalho tendem a acontecer com maior fluidez, por já conhecerem os espaços que lhes cercam. Dentro da FAK, essencialmente, por conta da magnitude de

suas diretorias, a inserção do jovem dentro das estruturas funcionais será importante catalisador destas movimentações.

Assim, o Movimento Espírita, em unidade, reconhece o valor da inserção do jovem nas atividades. Vide os princípios que baseiam a obra “Orientação à Ação Evangelizadora Espírita da Juventude: Subsídios e Diretrizes” [1]:

A necessidade de fortalecer a ação jovem por meio do protagonismo juvenil e de sua integração nas atividades do Centro Espírita e do Movimento Espírita; [...]

O investimento simultâneo nos diferentes espaços de ação jovem, objetivando o protagonismo juvenil: espaços de estudo doutrinário e vivência do Evangelho; de convivência familiar; de vivência e ação social; de confraternização; de comunicação social; de integração nas atividades do Centro Espírita e do Movimento Espírita (p. 4).

Orientada por este documento, a instituição espírita deve buscar adaptar e abraçar as características singulares da fase juvenil, fortalecendo a integração do jovem em todas as atividades da casa, visto que o compartilhar de ideias e vivências constrói conhecimento e tal conhecimento é efetivado de maneira concreta através do trabalho.

É importante lembrar que essa problemática é antiga e já sabida pelos dirigentes da casa. Alguns mecanismos já foram utilizados para tentar contorná-la e um deles foi a criação do projeto “Jovem Trabalhador” [2], que teve por objetivo dar oportunidade aos jovens de conhecer e trabalhar como estagiários nas diferentes diretorias da casa. Outro mecanismo foi a criação do ESME Jovem que oportunizou aos jovens finalistas do terceiro ciclo de juventude iniciar um estudo sobre a mediunidade, como forma de evitar o distanciamento da casa, ao mesmo tempo que supria necessidades emergentes dentro do grupo de participantes.

Com isso, na busca por proporcionar um ambiente fértil para as mudanças da fase juvenil, o presente artigo tem como objetivo trazer questionamentos e reflexões sobre o processo de integração do jovem espírita na FAK, considerando o ponto de vista de trabalhadores e jovens sobre as barreiras deste processo.

Para atingir esse objetivo, inicialmente realizou-se uma revisão teórica bibliográfica dos artigos publicados em edições anteriores do Simpósio FAK, encontrando-se o artigo “Os Desafios do Trabalho de Evangelização Infantojuvenil na FAK”; e de obras que abordavam temas vinculados ao tópico de pesquisa escolhido. Também foi desenvolvido um formulário, aplicado de forma virtual por meio do *Google forms*, buscando verificar a concordância ou não, de jovens evangelizando da Diretoria de Evangelização Infantojuvenil (DEIJ) e dos trabalhadores das diversas diretorias da Fundação, em relação à situação de integração dos assistidos da juventude. Para a mensuração dos dados, optou-se pela utilização de uma adaptação do modelo Escala *Phrase Completio*.

2 O CAMINHAR ENTRE QUESTIONAMENTOS, BUSCAS E APRENDIZADOS

O sentimento de solidão, que todo ser humano vivencia durante a existência terrena, parece mais forte no período da juventude e, para preencher a carência afetiva, para se integrar na realidade em que vive e vivenciar a liberdade que tanto anseia, o jovem vai buscar apoio nos grupos em que consolida relações. Esta é a fase em que o indivíduo mais procura compartilhar suas dores e vivências e mais deseja a companhia e reconhecimento dos amigos [3]. Nesse contexto, o centro espírita pode proporcionar um ambiente onde essas relações serão construídas com base no amor fraternal, estabelecendo uma rede de amparo segura para o jovem. Ademais, tais relações serão subsidiadas pelas orientações doutrinárias e o trabalho conjunto no bem.

No livro *Adolescência e Vida* [4], Joanna de Ângelis trabalha a ideia de caracterização do rompimento do equilíbrio psicoenergético, juntamente com a instrução arquetípica da utilização e canalização das forças criadoras na juventude:

O ideal, nesse momento, é a canalização dessa força criadora para as experiências da arte, do trabalho, do estudo, da pesquisa, que a transformam em energia superior, potencializada pela beleza e pelo equilíbrio. Nesse sentido, deve-se recorrer aos desportos, à ginástica, às caminhadas e atividades ecológicas que, além de úteis à comunidade, também gastam o excesso hormonal, tanto físico quanto psíquico (p. 23).

Desse modo, para permitir a experimentação e a descoberta de novos espaços de atuação para o jovem, além daqueles já conhecidos, cabe aos trabalhadores da casa espírita a consciência de seu papel basilar na construção de variados ambientes que sejam propícios e seguros para a utilização das energias. Por isso, nas *Orientações* [1] afirma-se que:

Toda pessoa que integra um núcleo de trabalho (equipe/grupo) tem a necessidade de se sentir útil, de ser considerada e de ser partícipe na realização das atividades e dos interesses comuns. Na Juventude/Mocidade Espírita o jovem possui estas mesmas necessidades, as quais, uma vez contempladas, farão com que ele se comprometa com a organização e com o pleno funcionamento da Juventude/Mocidade Espírita a que faz parte (p. 78).

Nessa busca por se entender parte da realidade em que vive, o jovem precisa ser abraçado além das atividades que o cercam, sentindo-se protagonista do seu processo de autoafirmação como ser vivente e integrante de uma comunidade. Tal desenvolvimento consolida-se ao ver que o trabalho que desempenha ajuda na efetivação de seus conhecimentos, fazendo ressoar os ensinamentos doutrinários junto às suas próprias necessidades.

No que tange às responsabilidades dos “mais vividos” para com os jovens e o cumprimento de seu papel como orientador e guia é sempre importante salientar a mensagem do espírito Emmanuel, no livro *Caminho, Verdade e Vida* [5]: “O moço poderá e fará muito se o espírito envelhecido na experiência não o desamparar no trabalho. Nada de novo conseguirá erigir, caso não se valha dos esforços que lhe precederam as atividades. Em tudo, dependerá de seus antecessores (p. 317).”

Tendo este pensamento como norte, é indispensável frisar que qualquer investida realizada pelos trabalhadores da casa, no sentido de abraçar os jovens nas atividades, necessita da predisposição para o diálogo fraterno com estes, uma vez que se encontram em fase de maior necessidade de orientações e compreensão para com suas incertezas.

2.1 O INSTRUMENTO DE PESQUISA

Notoriamente, todas as movimentações dentro do centro espírita são efetuadas por meio de relações multilaterais que envolvem tanto os assistidos dos dois planos, como seus familiares e outros espíritos vinculados. No entanto, na busca por compreender de maneira objetiva o processo de integração do jovem com a FAK, optou-se por envolver os trabalhadores e os jovens da evangelização.

Tendo isso em mente, buscou-se visualizar estes dois pontos de vista, a fim de refletir sobre o melhor papel a ser desempenhado por cada um na construção de uma ponte estaiada em solidariedade, que permita a casa oferecer espaços e oportunidades onde o jovem se sinta confortável para buscar seu melhoramento.

Em busca de identificar a melhor forma de conhecer os dois campos de visão supracitados, valeu-se das diferentes experiências no grupo de autores e cada um destes contou sua trajetória na Casa a partir da pergunta norteadora: “Quais são as barreiras que dificultam a integração do jovem com a

casa?”, ressaltando os pontos e as circunstâncias em que esta foi favorecida ou prejudicada. A partir dos relatos, foi feito um *brainstorm*, onde se pôde levantar os tópicos que embasaram a elaboração do instrumento de pesquisa. Os tópicos estão descritos na Lista 1.

Lista 1. Barreiras que dificultam a integração do jovem com a FAK

Laços de afeto;
Experimentação;
Mudança de necessidades;
Acompanhamento;
Autonomia nas buscas;
Necessidade de trabalho;
Ausência de comunicação.

Fonte: Do autor (2019)

A partir dos tópicos propostos, foram elaboradas afirmações que envolvessem cada uma das temáticas, resultando em um formulário com 12 afirmações e um espaço reservado para a exposição de comentários (Apêndice 1).

As afirmações foram construídas segundo uma escala de mensuração e verificação de concordância que variava de 1 (discordo totalmente) a 10 (concordo totalmente). Para atingir os objetivos propostos, estas foram direcionadas tanto aos jovens quanto aos trabalhadores, a fim de se obter os pontos de vista diferentes das mesmas situações.

O formulário foi primeiramente testado em um projeto piloto, envolvendo quinze jovens e nove trabalhadores da Casa, a fim de atestar a clareza do instrumento e buscar possíveis melhorias. Ao receber o *feedback*, foram realizadas pequenas modificações estruturais nos quadros de identificação dos participantes. As perguntas, contudo, não sofreram alterações que modificassem o contexto do formulário.

Assim, entre os dias 21 e 27 de setembro de 2019, a ferramenta ficou disponível para respostas no *Google Forms*. Para os trabalhadores, a divulgação realizou-se pela circulação do *link* de acesso dentro dos grupos de *WhatsApp*, administrados pelas diretorias da Casa. Em relação aos jovens, buscou-se estimular a participação e afirmar a importância de sua voz na construção dos projetos que os envolvem. Nesse sentido, o grupo dirigiu-se para a Diretoria de Evangelização Infantojuvenil (DEIJ) e a Diretoria de Estudos Doutrinários (DED), esclareceu sobre os objetivos do presente artigo e disponibilizou o link de acesso dentro das salas de estudo. As identidades de todos os inquiridos do questionário foram preservadas e estes foram informados sobre o objetivo da pesquisa a ser realizada.

Os dados coletados foram reunidos em planilhas e estas informações foram cruzadas em gráficos (Apêndice 2). As categorias consideradas importantes para a análise foram: o tempo de Movimento Espírita, atividades realizadas na casa e a faixa etária. As análises foram realizadas de forma comparativa, buscando interpretar os dados de forma imparcial, agrupando as respostas em “Concordo” (8 a 10), “Nem concordo, nem discordo” (4 a 7) e “Discordo” (1 a 3).

2.2 A MANIFESTAÇÃO DOS INFORMANTES E ANÁLISES

No universo de 160 jovens matriculados formalmente na DEIJ com a média de 66 frequentando no mês de setembro de 2019 (variação de 57 - 81), a população amostrada foi de 74 jovens, expondo um bom quantitativo de participação entre os mais assíduos. Quanto ao número de trabalhadores dentro da casa, a amostra não foi significativa, pois a Casa conta com cerca de 700 trabalhadores e apenas 61 desses responderam ao questionário, mostrando a pouca adesão e tornando difícil a conclusão de que as opiniões apontadas representam o todo.

Na afirmação sobre a efetiva participação do jovem nas atividades oferecidas pela FAK, todas as faixas etárias foram propensas à concordância (Afirmação 1 - Apêndice 2). Assim, pelo fato de não haver discordância mesmo entre os jovens que só estudam, surgem reflexões de que a ideia de integração está relacionada somente à diretoria da qual faz parte (DEIJ).

Pela análise dos dados em resposta às afirmações 2 e 6 (Afirmações 2 e 6 - Apêndice 2), é perceptível uma confluência de opiniões, entre os trabalhadores, de que o jovem é tanto necessário como sensível à necessidade do trabalho. No entanto, dentre os jovens, o que prevalece é a discordância frente à necessidade de seu trabalho dentro da Casa (Afirmação 2 - Apêndice 2) e, no tocante à necessidade íntima de trabalho, verifica-se que à medida que a faixa etária aumenta, os dados indicam uma maior percepção desta (Afirmação 6 - Apêndice 2). Destarte, ao considerar as facetas de autopercepção do jovem e as inseguranças inerentes à faixa etária, levanta-se a hipótese de que o adolescente, por ver a máquina fluindo sem a sua efetiva participação, não se percebe como engrenagem útil e, assim, não se desperta para a necessidade do trabalho. Todavia, à medida que a idade avança, essa necessidade tende a mudar, tanto pela finalização dos ciclos de juventude como pela assimilação de que o trabalho é um meio de consolo para suas aflições.

Outro ponto observado é a concordância da importância das relações de parentesco no favorecimento na participação das atividades da Casa (Afirmação 3 - Apêndice 2). A existência de laços de afeto prévios entre trabalhadores e familiares do jovem ressoa de maneira positiva no processo de integração. Além disso, os jovens que possuem familiares frequentadores das atividades da FAK tendem a obter acesso a mais informações sobre as variadas atividades e diretorias, o que auxilia na descoberta de um leque de ambientes que podem vir a despertar seu interesse. A reflexão proposta leva a busca por mecanismos para ajudar àqueles jovens que não possuem familiares na Casa e nem laços de afeto prévios, a fim de que estes se sintam tão abraçados quanto.

Em paralelo, realça-se a anuência frente à afirmativa da necessidade de criação de laços afetivos pelo próprio jovem (Afirmação 4 - Apêndice 2) e da importância do acompanhamento de trabalhadores dispostos a acolhê-los, como se fossem seus filhos naquele momento (Afirmação 10 - Apêndice 2). Esse raciocínio caminha ao encontro da reflexão exposta por um inquirido de que “a integração dos jovens nas atividades precisa respeitar as características deste, sendo uma delas a de que eles não conseguem se integrar sem o vínculo afetivo. Por isso a necessidade de um tutor.” (Questão 13 - Espaço reservado - Apêndice 1)

Outrossim, evidencia-se a primordialidade da autonomia do jovem nas suas buscas dentro da Fundação Allan Kardec (Afirmação 11 - Apêndice 1). Pois, sendo as buscas individuais, processos pedagógicos rígidos não suprem a necessidade de todos, mostrando a importância do poder de escolha de cada um para a efetiva vinculação com a casa. Para isso, é preciso um ambiente preparado e o acompanhamento de orientadores que possuam a consciência da importância da fraternidade no contato. Dessa forma, o jovem pode efetivar as suas buscas.

A respeito da percepção sobre a procura de trabalho na Casa por parte dos jovens, a maioria dos participantes da pesquisa não possui opinião uniforme sobre o assunto (Afirmção 7 - Apêndice 2). Evidencia-se, portanto, a possível ausência de busca real, haja vista que, se não há concordância geral, entende-se que não é visto esse movimento do jovem. Em contraponto, os dados relativos à participação do jovem como trabalhador nas atividades da FAK mostram que a faixa etária juvenil acredita que tal atuação existe (Afirmção 8 - Apêndice 2). Considera-se assim, possivelmente por conta de eventos pontuais em que a mão de obra do jovem é mais utilizada e pela atuação dentro da DEIJ. Dessa forma, percebe-se que o jovem trabalha de maneira singular, mas não procura oportunidades de trabalhos regulares, além do espaço oferecido pela diretoria.

Nesse contexto, tornam-se relevantes os dados relacionados à percepção dos participantes da pesquisa sobre a oferta de oportunidade de trabalho ordinário para tais jovens. Dentro desses dados, os mais jovens, que ainda se encontram exclusivamente na DEIJ, concordam com a afirmação; contudo, a faixa de 19-21 anos discordou (Afirmção 9 - Apêndice 2). Assim, é mister salientar que estes são, de fato, os jovens que vivenciam essa realidade, por estarem finalizando o último ciclo de estudos da DEIJ e tendem a buscar um novo caminho de atuação na Casa.

Mais uma vez, existe a concordância das afirmações com as sugestões expostas no espaço de comentários (Questão 13 – Espaço reservado – Apêndice 1). Apresentando o pensamento de que:

O exercício de vivência no bem deve ser visto como um movimento de ações ordinárias (tudo ao meu redor é um convite ao bem) e não atividades pontuais para as crianças e jovens. Assim, o evangelizando não se sentirá obrigado a ter que participar de uma atividade ordinária, mas sentirá a necessidade da experiência no bem para abstrair o simbólico para seu crescimento espiritual.

Nesse período de transição, é crucial o acompanhamento. Este deve ser realizado de forma fraterna, visando o companheirismo e a compreensão, sem excluir a autonomia necessária para a construção de um espírito independente e conhecedor de suas próprias vontades e necessidades. Assim sendo, o jovem deve ver em seu companheiro fraterno de mais experiência não somente a figura de mentor, mas também a de um amigo.

3 PROPOSTAS

Com todos esses pensamentos expostos e com muitos questionamentos levantados, surge a reflexão de propostas que poderiam diminuir o distanciamento dos jovens espíritas com a FAK.

3.1 COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Assim, como uma das grandes dificuldades da casa se encontra na falta de comunicação e a fim de que o jovem possa conhecer e se identificar com o que lhe afeiçoa, surge como proposta a melhoria na forma de apresentação dos estudos planejados pelas diversas diretorias da FAK. Propõe-se, então, a divulgação de forma ordinária destes durante as atividades de estudo na DEIJ. Juntamente, sugere-se a formulação de um cadastro de pré-inscrição dos jovens interessados, com a intenção de que seja facilitado e desburocratizado o traslado entre as diretorias.

Isto posto, também se compreende que o jovem necessita conhecer as diversas atividades da casa para que possa se vincular efetivamente a esta. Assim, é necessário estimular a sua participação nas atividades de formação de trabalhadores das áreas, proporcionando o conhecimento e a integração nas oportunidades de trabalho no bem. Essa maré só será possível com a efetiva difusão das informações de forma direcionada aos jovens.

3.2 FORMAÇÃO DE TRABALHADORES

Outro aspecto necessário de adaptação é a formação dos trabalhadores. Salienta-se a necessidade de preparar o trabalhador na busca de ressignificar sua visão para com o jovem, vendo-o como ser partícipe e capaz de trabalhar ao seu lado. A mudança nessa percepção é relevante para diminuir as limitações que se impõe ao outro, gerando a possibilidade de diversificação de faixas etárias, percepções e vivências dentro das atividades.

Dentro desse contexto, é importante, também, que os cursos de formação de trabalhadores possam visualizar essa necessidade e incluir, em seus programas, a capacitação com destino ao desenvolvimento e instrução de trabalhadores aptos a receber e acolher os aprendizes, com a intenção de arar o solo para as jovens sementes do trabalho dentro dos diversos núcleos de assistência da Casa.

3.3 ACOMPANHAMENTO E AUTONOMIA

Por entender que cada jovem apresentará suas inclinações, não é viável pensar em um só mecanismo de integração. Nesse sentido, o processo do acompanhamento por um trabalhador experiente engloba a criação de laços, por meio da convivência no trabalho do bem e na partilha de falas de acolhimento, permitindo um cuidado e uma visão específica sobre as necessidades do jovem assistido.

Porém, é importante salientar que o acompanhamento surge como auxílio e não como proposta pedagógica restrita. Pois, dentro da caminhada pelas atividades da casa, é necessário compreender a importância da independência de escolhas por parte do jovem. Logo, é elogiável a liberdade que permite ao jovem a experimentação sem o julgamento da inconstância, permitindo que este se encontre pela tentativa e erro e compreendendo que até quando se encontrar, talvez se desencontre.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, sendo o primeiro elaborado somente por jovens, se apresenta como um ponto de vista ainda não observado pelos trabalhos anteriores. Notoriamente, essas meditações só foram possíveis de serem realizadas, devido ao fato de que o grupo, como participantes do ESME Jovem, se encontra na posição de observador terciário nesse cenário.

Nesse contexto, é interessante considerar as novas reflexões trazidas ao buscar analisar a integração sobre a ótica dos dois lados da barreira. Essa percepção nos traz um novo olhar sobre essa dificuldade e nos leva a ponderar sobre novas formas de abordagem na busca de um movimento que vise maior vinculação do jovem espírita com a FAK.

Apontam-se os seguintes tópicos como as principais bases a serem levadas em consideração nas reflexões na integração do jovem na FAK:

- Laços de afetos;
- Acompanhamento;
- Comunicação;
- Vivência no trabalho no bem;
- Autonomia.

Essa abordagem, no entanto, não tem a pretensão de ditar novas formas e nem de trazer projetos prontos. A verdadeira inferência, a ser retirada desse desenvolvimento, é a proposição de reflexões aos trabalhadores da Casa, visando reconhecer as limitações íntimas e estruturais que se relacionam tanto com o seu papel de trabalhador como em seu relacionamento para com o jovem.

No entanto, limitações sistemáticas são possíveis de serem observadas no trabalho. Essas são encontradas quando analisamos o percentual representativo na amostra de trabalhadores inquiridos para o questionário. Dessa forma, a baixa amostragem talvez não seja capacitada e passível de generalização para representar, verdadeiramente, o pensamento de todos os trabalhadores da Casa.

No que tange a descrição de pesquisas futuras, é possível verificar a necessidade de um trabalho que analise a relação do trabalhador com a sua própria juventude e o reflexo dela em seu relacionamento com o jovem. Além disso, é louvável o incentivo à participação dos jovens nos diversos âmbitos de pesquisa, não somente os encorajando nos trabalhos que o possuem como objeto de foco, mas também propondo a sua participação em todos os campos de estudo.

5 NOSSOS APRENDIZADOS

Considerando as reflexões despertadas a partir da elaboração desse artigo, agradecemos a oportunidade ofertada e frisamos a alegria em nossos corações de poder abordar, de maneira singular, tão valioso assunto acerca de nós, jovens. Guiados pela espiritualidade amiga, colocamos nossos corações e mentes nessa pesquisa, voluntariando-nos como instrumentos da vontade do Cristo.

“Incrível como participar da elaboração deste artigo me virou de cabeça para baixo. Desde a proposta feita pelos nossos dirigentes, a escolha do tema, a divisão do trabalho em grupo, o lidar com o outro, nossas diferenças gritantes e argumentos fortes, horários inconciliáveis e a luta contra o tempo. Tudo valeu a pena! A cada encontro, troca de olhares, abraços e desabafos, pude conhecer cada um e ter a oportunidade de chamá-los de amigos”.

Paola Furtado (22 anos)

“Por tantos anos de Espiritismo, buscando, sentido nos meus conhecimentos, aplicando meus saberes na vida e nos trabalhos do bem, me entender como constituinte de um ambiente de vivências, e nesse caso, a Casa Espírita tem um papel fundamental, nunca foi tão imprescindível. Dentro do meu próprio processo de amadurecimento e autoafirmação, ter a oportunidade de me aprofundar num tema que me tange profundamente, transformou muito a forma como eu olho a instituição e as movimentações dentro dela.

“Olhar a FAK como um organismo vivo, feito de pessoas que se relacionam mais ou menos intensamente, me deu a noção do meu papel como partícipe do melhoramento das atividades.”

Victor Neves (22 anos)

“Durante o processo de confecção do artigo, muito trabalho foi realizado e muito foi aprendido. No entanto, as reflexões, causadas tanto pelas meditações sobre a temática quanto as geradas pelo processo de autoanálise, foram frequentes e marcantes em todos os momentos.

“Sobre esse aspecto, dois pontos foram muito relevantes. Primeiramente, os alcançados pelo processo de crescimento e aprimoramento gerado pela vivência em comunidade - principalmente pelo trabalho com pessoas de pensamentos e percepções diferentes das minhas.

“Outro ponto relevante, paralelamente, é a reflexão sobre o meu comprometimento com a casa e sobre o aproveitamento que estou tendo com as oportunidades que me são fornecidas para o aprimoramento”.

João Victor (22 anos)

“O presente artigo foi escrito por diversos autores o que possibilitou o meu crescimento no trabalho em equipe, sobre amor e o respeito uns pelos os outros. Mostrou-me o quão importante é nosso papel em frente aos mais novos, e que todos que têm sua função, aquele que recebe um jovem na sua diretoria ou sala no seu centro espírita, é um presente de deus e uma missão a ser cumprida em sua vida encarnada, dando a oportunidade de cada um aprender, um com o outro. ”

Giovani (22 anos)

“O ponta pé inicial para minha entrada no processo não foi fruto de uma motivação íntima e sim de ver a movimentação do meu grupo. Senti-me desafiada e assim, escolhi permanecer para contribuir da melhor forma e aproveitar o estreitamento de laços com os demais autores.

“Com o desenrolar do artigo, eu percebi o quanto a temática ressoava em mim e na minha forma de ver a FAK. Contemplei dúvidas e dores que nem sabia que guardava e pude resignificá-las com o amparo dos meus mais novos companheiros de jornada.

“Como legado dessa construção, hoje enxergo a casa em sua amplitude e apesar de ainda não me sentir completamente conhecedora e integrada, reconheço todos os mecanismos existentes para esse fim. Além disso, me senti ouvida e acolhida, criando laços de verdadeiro companheirismo com meus, agora, amigos.”

Clara (20 anos)

“Com essa oportunidade singular, pude me perceber trabalhando em um grupo com um objetivo em comum: por nossos corações e mentes em algo extremamente significativo para todos ali envolvidos. Aprendi sobre o que estar em grupo me remete interiormente, tanto positivamente, quando percebi o quão bem cada um me queria, quanto negativamente, nas horas das discussões e exposições de pensamentos. Pude exercitar o amor por pessoas que estreitei ainda mais meus laços de afeto. Estar imerso nessas energias, remete-me ao quanto sou agradecido a essa Casa Bendita por todas as ocasiões em que por ela me foi estendida uma mão amiga, nos momentos em que mais necessitei.”

Vitor Rebouças (24 anos)

“Ser um jovem e ter a oportunidade de falar sobre um tema muito importante me deixa muito feliz. Mas esse caminho não foi fácil, trabalhar em grupo, entender diferentes pontos de vista e reconhecer que nunca estou certo foi um trabalho muito árduo. Nessa jornada, pude aprender o quanto o nosso orgulho ainda nos impede de aceitar o outro e que somente quebrando essa barreira vamos conseguir ter relações pacíficas. Que possamos fazer da Casa Espírita um ambiente aonde todos merecem destaque e importância, ninguém é menor, todos contribuem para o crescimento de cada um.”

Miguel Rebelo (23 anos)

“Sempre tive muitas considerações sobre o processo de integração do jovem na nossa Casa; e a possibilidade de pesquisar e debater sobre isso, com meu grupo, me encantou.

“Minha principal herança desse desenvolvimento vem da experiência de construir uma obra verdadeiramente coletiva. Eu sempre falei muito alto e, assistir as vozes dos diversos autores se

fundirem, a fim de construir uma ideia comum muito mais rica, representou crescimento imensurável para minha trajetória.

“Para finalizar, a reflexão majoritária cerca o reconhecimento do quão privilegiado foi o meu processo de integração. Construí verdadeiros laços de afeto, encontrei tutores dispostos e carinhosos, experimentei laboratórios de melhoria íntima e sinto que vivi a Casa em sua amplitude. Mal posso esperar para que as reflexões ajudem em mecanismos para que essa experiência se estenda para todos os jovens que assim desejem. A gratidão por fazer parte dessa Casa é permanente.”

Duda Machado (17 anos)

“A experiência de realizar um artigo dentro da Casa Espírita já é de grande aprendizado, o trabalhar em grupo também propôs uma experiência relativamente nova em relação a ideias, opiniões e vivências dentro da casa. Com as informações adquiridas no decorrer do artigo, foi-me possível pensar se o jovem é acolhido dentro do centro espírita, não só o jovem, mas o trabalhador também. Existe, em todos, essa necessidade de serem ouvidos de serem acolhidos pelos irmãos da casa, e como pode ser de extremo auxílio na convivência e melhoria dentro da proposta de envolvimento do centro espírita com seus participantes.

O tema em especial se tratando dos jovens me fez refletir ainda mais sobre minha relação íntima com a casa, em como foi e como pode ser daqui para a frente, se eu posso, se eu vou caminhar de mãos dadas com o trabalho e como ele é revigorante para mim se ele estiver sendo feito de coração. O que eu fiz ou deixei de fazer nos meus anos de juventude passou, infelizmente não pode ser mudado, porém nunca é tarde para iniciar um novo capítulo agora.”

André Luiz (23 anos)

6 REFERÊNCIAS

1. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação à Ação Evangelizadora Espírita da Juventude: Subsídios e Diretrizes*. 1. ed. Brasília: FEB, 2016.
2. FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC. *Projeto Jovem Trabalhador*. Manaus (AM), 2016.
3. INCONTRI, Dora. *Educação Segundo o Espiritismo*. 2. ed. Bragança Paulista: Comenius, 2012. p. 137-139.
4. FRANCO, Divaldo. *Adolescência e vida*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 5.ed. Salvador: Leal, 1998. p. 23.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

9- Você sente que a casa oferece aos jovens oportunidades de trabalho em suas diretorias

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Discordo completamente Concordo completamente

10- O jovem necessita de um acompanhamento de trabalhadores mais experientes para ajudá-lo nas escolhas e ampará-lo nos desafios

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Discordo completamente Concordo completamente

11- Você acha que o jovem deve ter autonomia nas suas buscas dentro da casa espírita

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Discordo completamente Concordo completamente

12- Os meios de comunicação da casa conseguem levar informação a respeito das atividades que os jovens podem desempenhar na FAK

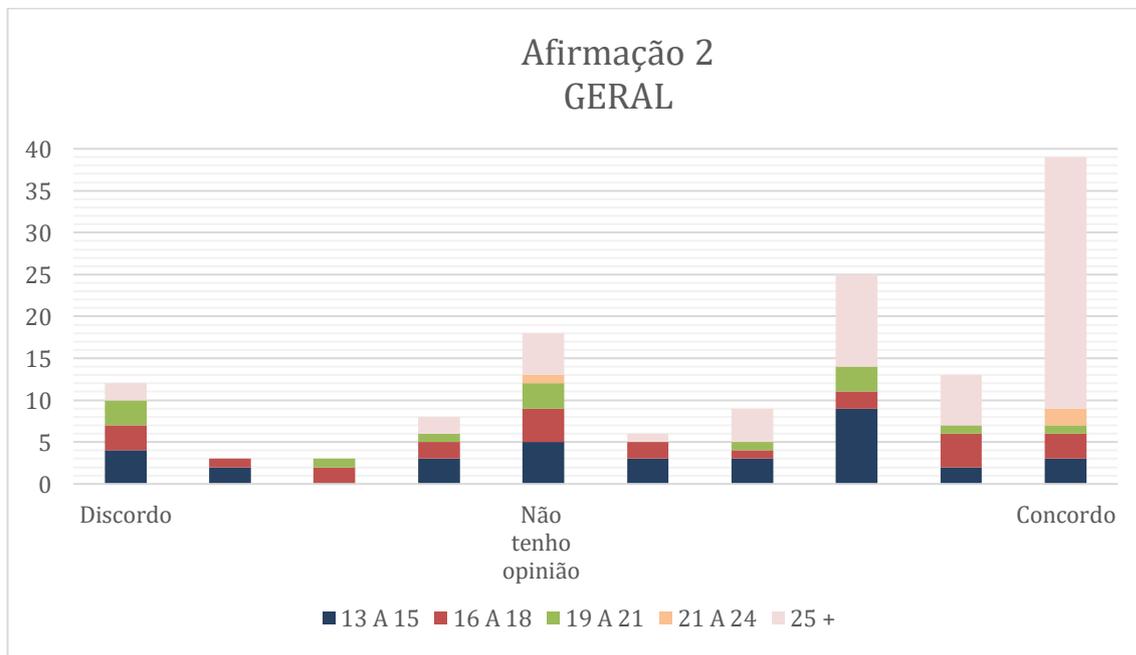
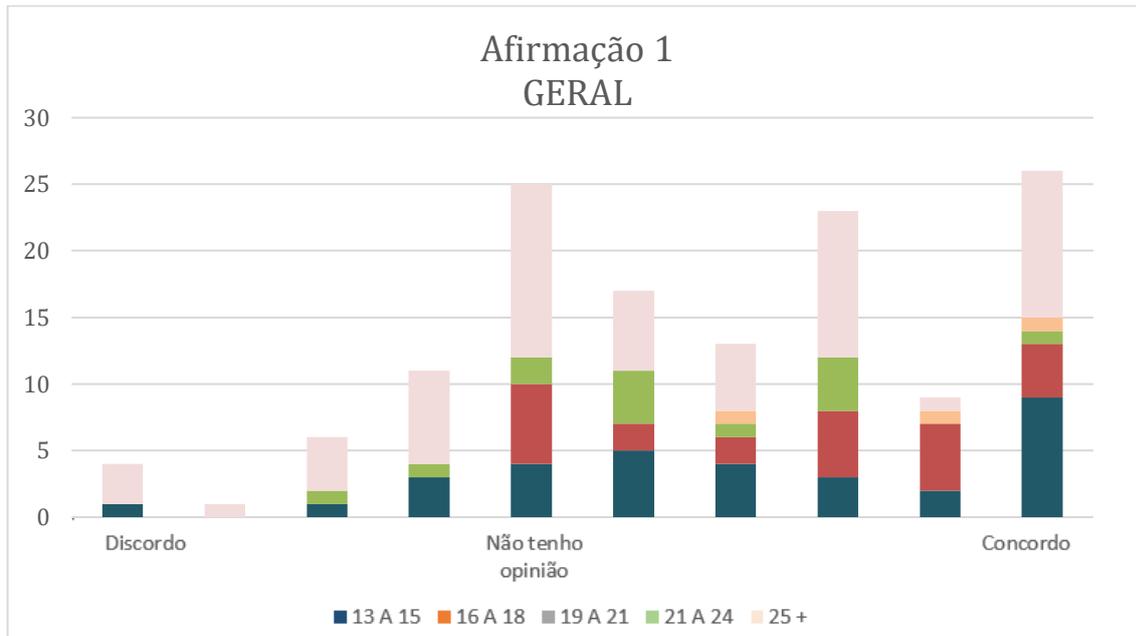
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Discordo completamente Concordo completamente

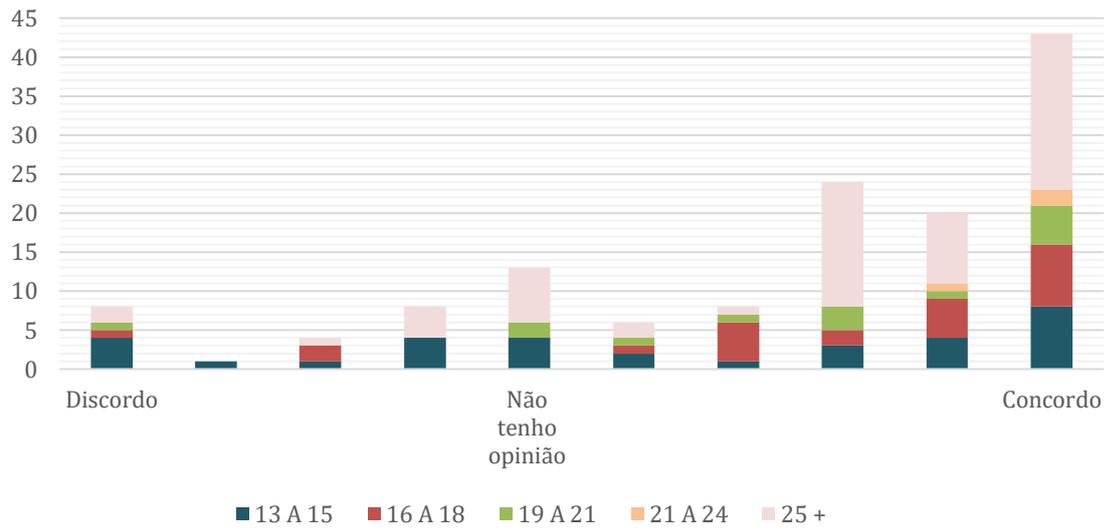
13- Espaço reservado para comentários e exposição de pensamentos e reflexões

Apêndice 2

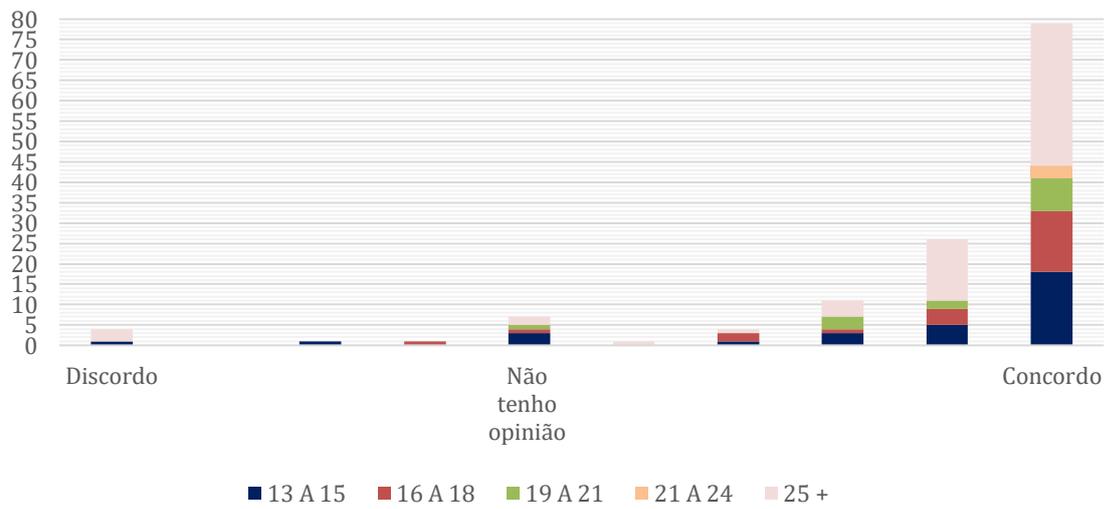
Gráfico por perguntas e correlação com as idades dos inqueridos



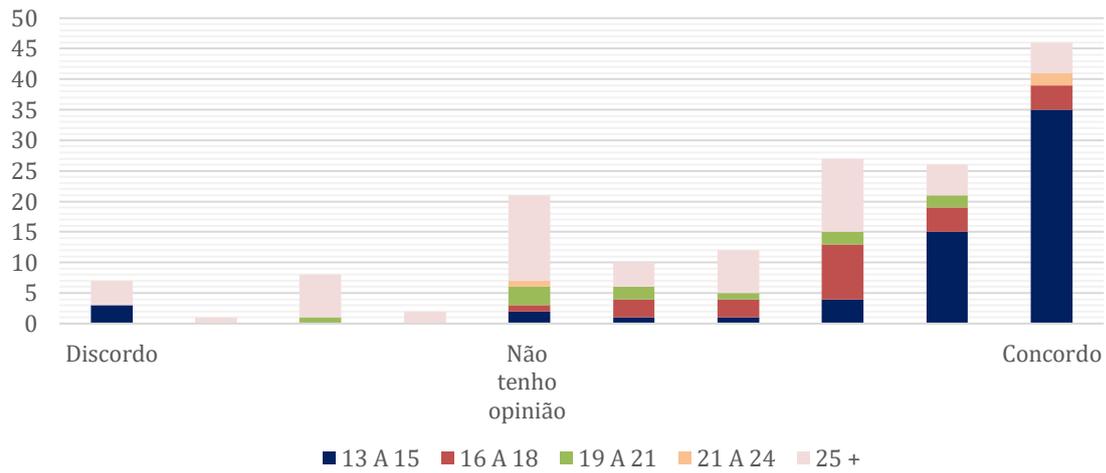
Afirmção 3 GERAL



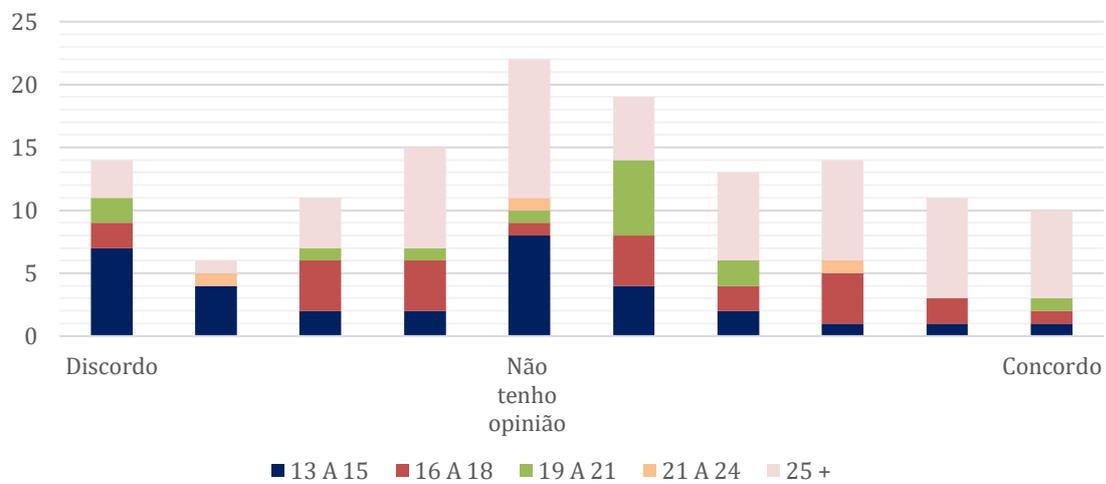
Afirmção 4 GERAL



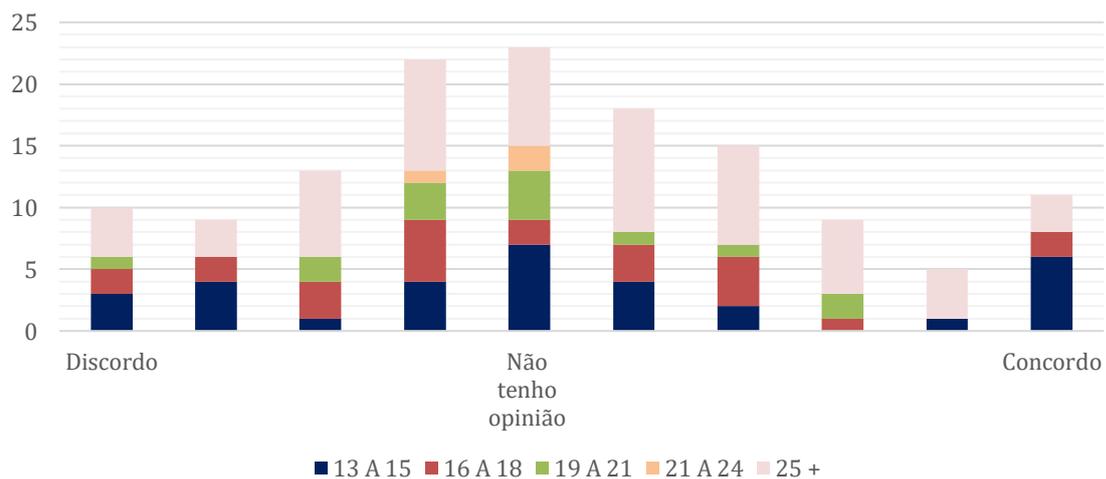
Afirmção 5 GERAL

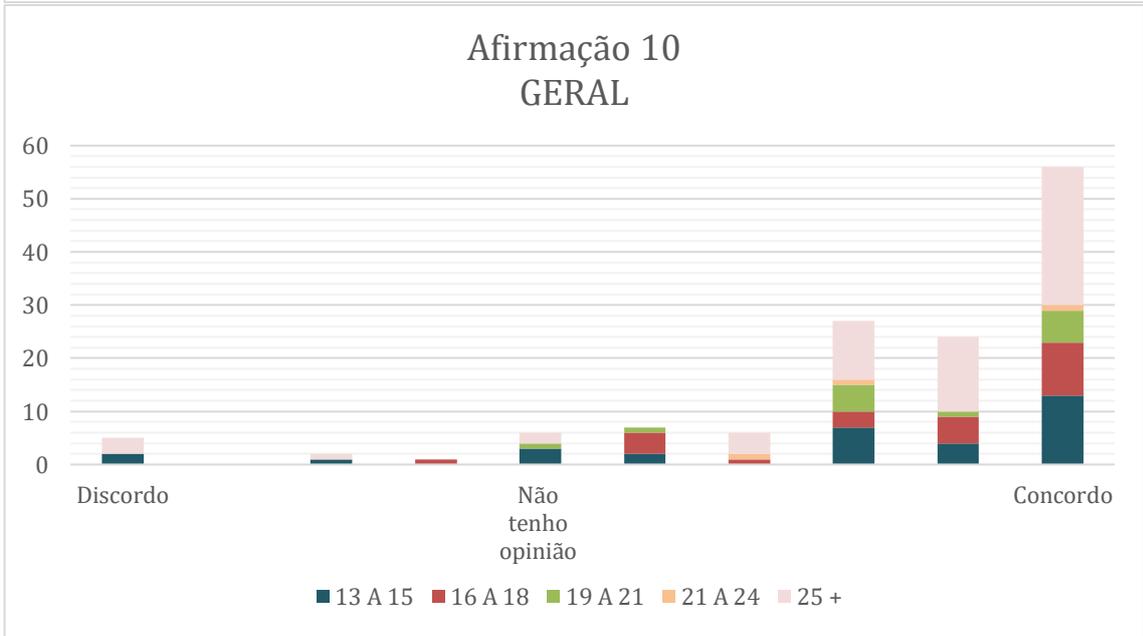
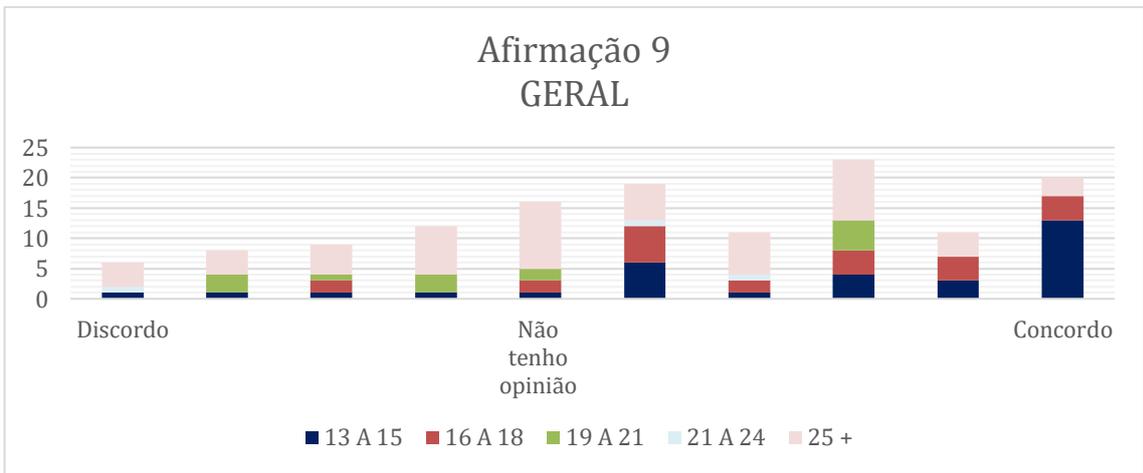
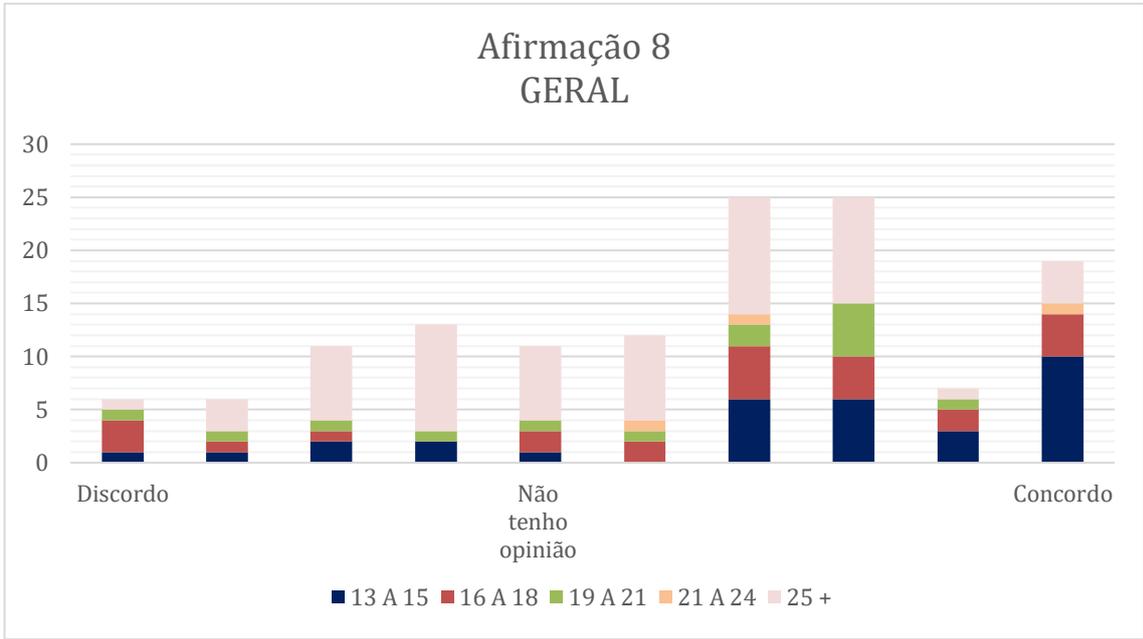


Afirmção 6 GERAL

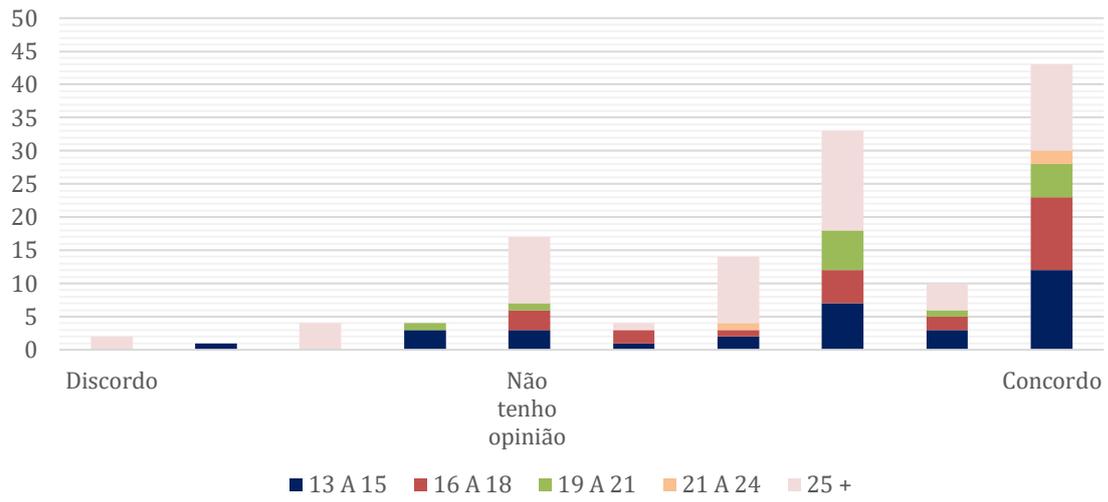


Afirmção 7 GERAL





Afirmção 11 GERAL



Afirmção 12 GERAL

